



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MÔNICA RAQUEL FERNANDES SANTOS

**REPRESENTAÇÕES DO NORDESTINO NA POESIA DE PATATIVA DO
ASSARÉ**

**CAJAZEIRAS – PB
2016**

MÔNICA RAQUEL FERNANDES SANTOS

REPRESENTAÇÕES DO NORDESTINO NA POESIA DE PATATIVA DO ASSARÉ

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto

CAJAZEIRAS – PB
2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

S237r Santos, Mônica Raquel Fernandes

Representações do nordestino na poesia de Patativa do Assaré / Mônica Raquel Fernandes Santos. - Cajazeiras, 2016.

56f.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2016.

1. Literatura Popular – Nordeste – Brasil. 2. Análise literária. 3. Discurso regionalista – Nordeste brasileiro. 4. Patativa do Assaré - Poesias. I. Sales Neto, Francisco Firmino. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

MÔNICA RAQUEL FERNANDES SANTOS

REPRESENTAÇÕES DO NORDESTINO NA POESIA DE PATATIVA DO
ASSARÉ

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao curso de Licenciatura Plena em História,
da Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial à obtenção
do grau de Licenciatura em História.

Aprovada em: 19 / 05 / 2016.

BANCA EXAMINADORA

FFSantos

Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto
(Orientador)

Rosilene Alves de Melo

Prof.ª. Dr.ª. Rosilene Alves de Melo (CFP/UFCG)
(Examinadora Titular)

Ana Rita Uhle

Prof.ª. Dr.ª. Ana Rita Uhle (CFP/UFCG)
(Examinadora Titular)

Prof.ª. Dr.ª. Maria Lucinete Fortunato (CFP/UFCG)
(Examinadora Suplente)

CAJAZEIRAS – PB
2016

Dedico a meu pai: José Gomes dos Santos (in memoriam), meu eterno rei, herói, fonte maior de inspiração, que me fez desde pequena uma amante das coisas simples da vida e admiradora do nosso sertão. Com a saudade que sinto e o exemplo de homem que foi para mim, escolhi seguir em frente e lutar pelos meus objetivos, nossos sonhos! E como sonhamos juntos: Serei a sua “Professora”.

AGRADECIMENTOS

Eu sempre ouvi falar e imaginei que a pesquisa seria um trabalho solitário. Mas, agora que chegou este momento de “agradecer”, tenho a prova que, neste percurso, não posso falar em solidão, quando pude contar com o apoio de pessoas mais que especiais.

Primeiramente, agradeço à Deus, nosso criador, razão de todas as coisas e porto seguro na hora das aflições!

Às duas pessoas mais importantes da minha vida, minha fortaleza, a força que me faz seguir em frente vem do amor e carinho que encontro em vocês: minha mãe, Rita de Cássia Fernandes Santos; e meu esposo, Paulo Anderson Mendes de Figueiredo. É por vocês que continuo lutando, por ter vocês ao meu lado é que eu resisti às dificuldades. Amo vocês mais que tudo nessa vida!

A minha família, que arranca meus melhores sorrisos e que, com tanto carinho, me fortaleceu neste caminho: minha sobrinha que tanto amo, Evelyn Randarah; meu irmão e melhor amigo, Marcos José Fernandes Santos; e minha cunhada e grande amiga de infância, Joelma Lira. Vocês são meus tesouros!

Àqueles que fizeram parte da minha criação e tanto contribuíram para minha educação e todas as minhas conquistas: minha Madrinha Joana Pereira de Oliveira, meu Padrinho José Canuto e minhas Tias que tanto amo e são minhas três mães de coração: Severina (Titia), Adercina (Nininha) e Alaíde (Madrinha) – esta última *in memoriam*. Ainda na família, minha tia querida e amada: Maria de Fátima Fernandes Leite, pelo apoio carinho, confiança e orações. E meu Tio João Batista Fernandes, meu “Tidão”, por sempre se orgulhar de mim, isso me fez acreditar e não desistir. Vocês são demais!

Agora um agradecimento muito especial: faltam palavras para dizer o que a amizade desta pessoa representa para mim e o quanto foi importante a presença dela nestes últimos momentos. Eu sempre imaginei como seria ter uma irmã, e acredito que Deus tenha me mostrado isso através dela: Danúzia Supriano, aquela amiga em que eu posso confiar, aquela que está sempre pronta a me ajudar em todos os momentos e comemorar minhas vitórias. Danúzia, você é a pessoa que mais entende a importância deste momento e o peso de todas as dificuldades que enfrentamos. Segurar na tua mão cada vez que o barco ameaçava naufragar foi o que me fez seguir em frente. Portanto, essa vitória é nossa minha irmã!

Durante a minha graduação ganhei muitos presentes de Deus. O mais valioso deles são as minhas amigas/irmãs, aquelas que já fazem parte da minha história. Hoje não nos vemos frequentemente, mas amizade continua a mesma. Contar com vocês durante esses quatro anos, que considero até agora os melhores da minha vida, foi um presente que levarei para o resto da vida. São elas: Geanne Gonçalves, Saara Lourenço e Bruna Monteiro. E através de bons amigos conhecemos outros: Daniele Supriano, Danilia Supriano, Wigna Kyone e minha sobrinha de coração Kilvia Ayalla. Vocês são joias preciosas. A torcida de vocês neste momento foi muito importante para mim! Obrigada por tudo!

Falando ainda de amizades: Samira Feitosa, Eduarda Diniz e Cícera Dailma. Entraram em minha vida como minhas alunas e o carinho foi tão forte, tão especial que amizade surgiu naturalmente, obrigada pelo apoio, pela torcida e pelo carinho! Agradeço ainda as minhas amigas Livya Alves, Micaelle Gonçalves e Thaize Ramos pela atenção e carinho comigo, que foram tão importantes nesses últimos tempos. De forma muito especial agradeço a minha amiga e irmã de coração que sempre me deu força e está comigo em todos os momentos: Tatiane Lopes.

Aos meus afilhados de batismo: Ângela Mirely, Bruno Henrique e Mércia Gabrielle, crianças maravilhosas que alegam os meus dias, aliviando as tensões. Agradeço por compreenderem a minha ausência em virtude da dedicação aos estudos. Um dia saberão a importância dela e torço para que sigam este caminho, pois estudar sempre vale a pena!

Ao meu professor orientador, Francisco Firmino Sales Neto, pela sua paciência, pela generosidade em compartilhar conhecimentos tão essenciais, pela confiança e por não desistir de mim mesmo diante das dificuldades.

Aos meus professores da graduação em especial, Maria Lucinete Fortunato e Viviane Gomes de Ceballos pela generosidade em disponibilizar materiais importantes para este trabalho. De maneira muito especial agradeço à professora Ana Rita Uhle, com quem tive a primeira aula na UFCG. Pessoa maravilhosa, sempre com as palavras certas na hora certa, sempre me fez acreditar em mim, sempre fez parecer fácil o que eu achava tão difícil! Agradeço ainda à professora Rosilene Melo, que gentilmente aceitou o convite para participar da banca. Obrigada a todas vocês!

A todos os meus amigos e amigas, mesmo sem seus nomes citados aqui, que contribuíram com apoio, carinho e torcida muito obrigada!

Foi muito difícil, mas no final deu tudo certo! Muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as representações do nordestino nas poesias de Patativa do Assaré. Para tanto, realizaremos uma análise do livro *Cante lá que eu canto cá*, publicada na década de 1970, onde estão reunidos cento e cinco poemas que manifestam amplamente a proposta discursiva desta pesquisa. O discurso regionalista, presente na chamada literatura popular da região Nordeste, permite uma construção identitária e uma afirmação enquanto sujeito nordestino. Em meio a diversos poetas, Patativa do Assaré se destacou pela maneira simples e realista que seus versos representaram o nordestino. Como aporte teórico, utilizaremos o conceito de “representação”, proposto por Roger Chartier; e a noção de “discurso regionalista”, proposto por Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

Palavras - Chave: Patativa do Assaré. Representação. Nordeste. Identidade. Literatura Popular.

ABSTRACT

This study objective to analyze the representation of the northeastern poetry Patativa do Assaré. Therefore, we will have a review of the book there *Cante lá que eu canto cá*, published in 1970s, where they are assembled one hundred and five poems manifest discursive purpose of this research. The regionalist discourse present in the popular Northeast literature allows for identity construction and a statement as subject Northeast. In the middle several northeastern poets Patativa do Assaré stood out for simple and realistic way his verses represent this subject. As a theoretical framework will use the concept of "representation" proposed by Roger Chartier, and the notion of regionalist discourse proposed by Durval Muniz de Albuquerque Junior.

Keywords: Patativa do Assaré. Representation. Northeastern. Identity. Popular Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA: IMPORTÂNCIA E POSSIBILIDADES.....	16
1.1 HISTÓRIA COMO FONTE LITERÁRIA.....	16
1.2 LITERATURA COM FONTE HISTÓRICA.....	18
1.3 RELAÇÃO ENTRE AMBAS.....	21
1.4 REPRESENTAÇÕES HISTÓRICO-LITERÁRIAS.....	24
2 PATATIVA CANTA A HISTÓRIA.....	27
2.1 PRIMEIROS VOOS.....	27
2.2 VOOS MAIS DISTANTES.....	29
2.3 A CONSOLIDAÇÃO DE PATATIVA DO ASSARÉ ENQUANTO POETA.....	31
3 O NORDESTINO REPRESENTADO EM VERSOS DE PATATIVA.....	37
3.1 O NORDESTINO NA SUA TERRA.....	37
3.2 O NORDESTINO NA SUA PELEJA.....	44
3.3 O NORDESTINO QUE “ZOMBA NO SOFRER”.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	53

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema as representações do nordestino na poesia de Patativa do Assaré. Assim sendo, nosso principal objetivo é analisar as poesias de Patativa do Assaré como integrantes de uma representação que caracteriza o “Ser Nordestino”. Em meio a diversos poetas populares, Patativa do Assaré se destacou pela maneira simples e realista que seus versos representam a figura do nordestino dentro de seu cotidiano, possibilitando uma percepção histórica diante de sua poesia.

Nascido em 05 de maio de 1909, no sítio Serra de Santana, Município de Assaré – Ceará, Antônio Gonçalves da Silva popularizou-se pelo pseudônimo de “Patativa do Assaré” por conta da maneira harmoniosa com que construiu seus versos, em semelhança ao canto da Patativa, pássaro do sertão nordestino. Segundo ele próprio, frequentou a escola por pouco tempo: somente seis meses. Porém, esse período teria sido suficiente para que fosse alfabetizado. Desde então, teria tomado gosto pela leitura, tornando-se autodidata (ASSARÉ, 2005, p. 9).

Dentre os diversos tipos de representações que se tem dos nordestinos tomemos como exemplo: o povo sofrido fragilizado pelas secas; o nordestino valente; o povo alegre. São várias imagens que povoam o imaginário das pessoas, mas o que me chamou a atenção foi a junção de várias dessas representações na construção de um sujeito, o nordestino, que se faz presente nos versos de cordel, nas músicas, nos romances e na oralidade.

Assim, esta pesquisa parte do desejo de compreendermos qual ou quais as representações do nordestino existem na poesia de Patativa do Assaré e como elas foram construídas. Realizaremos este estudo por meio da análise do livro *Cante lá que eu canto cá*, que teve sua primeira edição em 1975 e que, segundo o poeta, reúne seus principais poemas.

Patativa teve sete livros publicados: o primeiro *Inspiração nordestina*, publicado em 1956; o segundo *Inspiração nordestina: cantos do Patativa*, publicado em 1967; o terceiro *Cante lá que eu canto cá*, publicado em 1978; o quarto *Ispinho e fulô*, publicado em 1988; o quinto *Cordéis*, publicado em 1993; o sexto *Aqui tem coisa*, publicado em 1994; e o último *Ao pé da mesa*, publicado em 2001. Além disso, teve alguns poemas incluídos em coleções junto a outros poetas, poemas publicados em

revistas e jornais, e ainda alguns cordéis. Alguns desses livros já foram republicados, como é o caso da que selecionamos para estudar neste trabalho: *Cante lá que eu canto cá*, que foi publicada pela primeira vez em 1975. Esse livro já está na sua décima sexta edição, feita em 2011, edição que estamos utilizando neste estudo.

A capacidade poética e a sensibilidade de Patativa do Assaré são demonstradas no seu ato de retratar o universo por ele vivenciado, praticando assim uma Literatura Regionalista. De modo geral, entende-se que “regionalismo” é uma expressão dos aspectos que caracterizam as regiões. Dentro desse entendimento, a Literatura Regionalista vem expressar, por meio da escrita literária, as características de cada região sobre a qual produz. Albuquerque Júnior nos leva a entender que esse tipo de literatura é algo que consolida a diversidade brasileira, atuando como certificadora das peculiaridades de cada região do país, através dos personagens, características geográficas e realidades sociais nela apresentadas (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 49).

Através do discurso poético de Patativa é possível problematizar a identidade do Nordeste e, conseqüentemente, do nordestino, levando em consideração que:

O Nordeste é uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país. E é tal consistência desta formulação discursiva e imagética que dificulta, até hoje, a produção de uma nova configuração de “verdades” sobre este espaço (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 49).

Alguns aspectos da poesia de Patativa do Assaré apresentam uma construção diferenciada da imagem do nordestino para além do povo sofrido e triste. Ele representa também aspectos referentes às tradições religiosas, às riquezas naturais do sertão, bem como questões políticas. Portanto, a discussão da identidade do Nordeste e do nordestino é possível, pois está presente no discurso poético do autor.

Assim sendo, tomemos por base o conceito de identidade proposto por Stuart Hall, que apresenta três concepções de identidade que se relacionam as visões de sujeito ao longo da história: a primeira é a *Identidade do Sujeito do Iluminismo*, que expressa uma visão individualista de sujeito, caracterizado pela concentração e unificação, em que prevalece a capacidade de razão e de consciência; a segunda, a do *Sujeito*

Sociológico, leva em consideração a complexidade do mundo moderno e reconhece que esse interior do sujeito é constituído na relação com outras pessoas, cujo papel é de mediação da cultura; e a última é a *Identidade do Sujeito Pós-moderno*, que não tem uma identidade fixa, ou permanente, mas formada e transformada continuamente, sofrendo a influência das formas como é representado ou interpretado nos e pelos diferentes sistemas culturais de que toma parte (HALL, 2006, p. 10).

Diante disso, compreendemos que os artistas, músicos, escritores, políticos e até a mídia ao se apropriarem do Nordeste como objeto, disponibilizam-no como gerador de sentidos que acabam se estabelecendo e, conseqüentemente, descrevendo tanto o Nordeste quanto o nordestino e, assim, realizando uma construção de identidade e viabilizada por representações.

Apropriamo-nos ainda do conceito de representação, mediante as perspectivas de Roger Chartier que, em seu livro *A história Cultural: entre práticas e representações* (1990), define o conceito de representação nos seguintes termos:

Tal como a do dicionário Furetière manifesta a tensão entre duas famílias de sentido: por um lado a representação faz ver uma ausência, o que supõe a distinção clara entre o que representa e o que é representado; por outro lado é a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém (CHARTIER, 1990, p. 20).

Nesse sentido, as representações elaboradas por Patativa do Assaré enquadram-se na “exibição de uma presença” de que Chartier nos fala, pois através das poesias vem à tona a figura do nordestino. Ele realiza essa apresentação pública de que fala o conceito de representação, e é esta ideia que almejamos estudar neste trabalho.

Para problematizarmos o modo como Patativa do Assaré representa o nordestino é preciso considerar que representar é “descrever a sociedade tal como pensam que é, ou como gostaria que ela fosse” (CHARTIER, 1990, p. 19). Buscamos entender as motivações desse poeta ao descrever o sertanejo do Nordeste como um homem simples. Para tanto, levamos em consideração a história de vida do poeta e sua origem. Diante destas aspirações, observamos também a necessidade de discutir dentro deste trabalho a relação entre história e literatura.

Trabalharemos com a Literatura Popular, que é a literatura expressa na linguagem regional, habitual de cada região, na qual comumente se expressa o cotidiano, os costumes, a cultura de cada grupo ou coletividade social. Trabalharemos a representação do nordestino nesse contexto da literatura popular aqui conceituada, já que Patativa do Assaré é um representante dessa perspectiva literária.

No âmbito dessa discussão, o discurso regionalista literário tem uma função diferenciadora para a construção identitária de cada região, no qual apresentamos abaixo:

O discurso regionalista não é apenas um discurso ideológico, que desfigura uma pretensa essência do Nordeste ou de outra região. O discurso regionalista não mascara a verdade da região, ele a institui (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 49).

Dentro deste contexto, aspira-se uma problematização do discurso regionalista na literatura popular de Patativa do Assaré, uma vez que o poeta manifesta em seus versos um apreço por sua região. Mesmo diante das dificuldades provenientes das secas, ele demonstra o orgulho da identidade nordestina.

Portanto, o embasamento teórico desta proposta de pesquisa é o seguinte: o discurso regionalista literário, apontado por Albuquerque Júnior (1999); e a história no campo das representações, proposta por Chartier (1990).

A escolha do tema justifica-se, especialmente, por sua relevância para a cultura da região Nordeste e para a expansão do conhecimento da poesia de Patativa do Assaré, representante da cultura nordestina que contagia as várias gerações e esferas sociais com a harmonia e o conteúdo de seus versos.

O fascínio pela temática da literatura popular surgiu no transcorrer da minha formação acadêmica, ao passo em que se foram apresentando as discussões em torno da figura do Nordestino, bem como na convivência cotidiana com pessoas da minha família, da minha região e de outras regiões. Observei que existia uma imagem sobre o nordestino formada no imaginário popular, tanto no Nordeste quanto em seu exterior, surgindo então a pergunta: de onde vêm essas imagens do Nordeste? Que identidade nordestina é essa?

Percebi que essa figura do nordestino construía e demonstrava o imaginário das pessoas por meio de várias formas. Os meios de comunicação e a oralidade contribuem muito para esse fato. Porém, em um sentido histórico, pode se dizer que a literatura também contribuiu para esse imaginário, percorrendo uma trajetória histórica e fazendo parte da cultura e da identidade do Nordeste.

Assim sendo, estruturamos os capítulos da seguinte forma:

No primeiro capítulo – *“Relação entre história e literatura: importância e possibilidades”* – apresentamos o encontro entre essas duas instâncias, abordando os resultados desse encontro no que diz respeito ao uso da literatura como fonte histórica, os vários caminhos que isso possibilita ao pesquisador e ainda quão enriquecedor esse diálogo é para a historiografia.

No segundo capítulo – *“Patativa canta a história”* – ressaltamos os aspectos históricos presentes nos versos de Patativa do Assaré, visto que o mesmo apresenta em seu trabalho o cotidiano nordestino dentro de seu tempo e lugar social, realizando uma discussão sobre sua história de vida e as influências na poesia dele.

Já no terceiro e último capítulo – *“O nordestino em versos de Patativa”* – ocorre uma análise do livro *Cante lá que eu canto cá*, que representa muito bem a forma que Patativa do Assaré se vê como nordestino, ao passo que o mesmo também o representa. É através da pesquisa que damos significado aos versos e encontramos as representações do nordestino.

Dessa forma, pretendemos elucidar os questionamentos a que nos propomos realizando uma problematização da história de vida de Patativa do Assaré em relação a sua poesia, identificando as representações do nordestino por ela expressa.

1 RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA: IMPORTÂNCIA E POSSIBILIDADES

Neste capítulo, abordaremos a relação entre a história e a literatura, problematizando as possibilidades que essa relação traz para ambas as partes, balizando-nos principalmente na chamada literatura popular como fonte. Para tanto, organizamos essa discussão em quatro pontos: o primeiro abordando o uso da história como recurso literário; o segundo o uso da literatura como fonte histórica; o terceiro a relação entre ambas; e, por último, o uso do conceito de representação, dentro dessa relação, refletindo sobre as possibilidades de tal encontro.

Para fundamentar essa problematização e discutir o caráter da análise representativa, tomamos por base os autores: Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em seu texto *A hora da estrela: história e literatura uma questão de gênero?* (2007), que trata da relação entre a história e a literatura; das colocações de Antonio Celso Ferreira, no texto *A fonte fecunda* (2009), em que trabalha o uso da literatura como fonte histórica; além da dissertação de mestrado de Maria Eliza Freitas do Nascimento, *Sentido, Memória e Identidade no Discurso Poético de Patativa do Assaré* (2008), na qual utiliza as problemáticas apresentadas.

Ainda do ponto de vista teórico, utilizamos às perspectivas de Sandra Jatahy Pesavento, nos seus textos *História e literatura: uma velha nova história* (2006); *História Cultural: caminhos de um desafio contemporâneo* (2008); e *Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional* (1998). E também das colocações de Roger Chartier a respeito das representações culturais, em seu livro *A história Cultural: entre práticas e representações* (1990).

1.1 A HISTÓRIA COMO FONTE LITERÁRIA

A literatura e seus personagens contam, de certa forma, a história em que foram concebidos. Um romance, por mais que seja de ficção, é composto de elementos

importantes para o estudo da História. O que o levou a ser escrito? Qual o contexto da construção do enredo? Nenhum escrito pode se desvincular da sua dimensão histórica.

Compreendemos que o literato trabalha com elementos do real. Porém, o mesmo tem como uma das características mais marcantes a criatividade, logo não tem a preocupação científica de se preocupar tanto com métodos. Para ele, o importante é criar, mesmo que aquilo que esteja contando faça parte de uma realidade social. O literato pode usar do encantamento, do romance, da comédia e do drama dentro do seu enredo. Nesse sentido, um especialista do tema afirma que:

[...] a literatura não documenta o real nem constitui representação semelhante aos discursos científico, filosófico, político, jurídico ou outros. Nestes últimos, as metáforas e os outros recursos imaginativos são controlados ou mitigados pela intenção de objetividade, que se manifesta no discurso referencial, isto é, comprometido com a veracidade da realidade exterior (FERREIRA, 2009, p. 66).

O autor nos leva a entender que a literatura tem seu fundo histórico, porém não possui o caráter de objetividade das ciências, que trabalham com limites metodológicos que os atrelam ao real. Então, cabe aos pesquisadores perceberem os aspectos históricos presentes na literatura e problematizá-los de acordo com suas perspectivas.

O discurso regionalista que, como já havíamos mencionado, apresenta os aspectos que caracterizam determinadas regiões e que está presente na literatura popular da região Nordeste, permite uma percepção identitária e uma afirmação enquanto nordestino, porque os livros expressam as características do dia-a-dia do nordestino e, assim, os leitores podem reconhecê-lo e identificá-lo.

O poeta aqui estudado traz em seus poemas traços do cotidiano e da história por ele vivenciados, possibilitando a nós pesquisadores uma problematização dessa vivência representada em versos a partir de uma reflexão histórica e cultural. Além disso, propicia um amplo conhecimento no sentido da construção de identidade, dos costumes, das peculiaridades, enfim, da cultura dos habitantes do Nordeste. A história ambiental, contextualiza, explica e, portanto, enriquece a literatura.

1.2 A LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA

Neste trabalho, a literatura é utilizada como fonte, já que Patativa, por meio do livro sobre o qual nos debruçamos, constrói uma representação do cenário do sertão nordestino de sua época, ao apresentar ao leitor o dia-a-dia do homem do campo e do meio geográfico ao qual pertence, a importância deste para quem está ao seu redor, os personagens característicos da sociedade descritos nos poemas, as relações de poder e interesses imbuídos neste mundo. Vejamos o poema “O Poeta da Roça” Patativa do Assaré (1975).

Sou fio das mata, cantô da mão grossa,
Trabaio na roça, de inverno e de estio.
A minha chupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de paia de mío.

Sou poeta das brenha, não faço papé
De argum menetré, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei meu nome assiná
Meu pai, coitadinho! Vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastêro, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo e na roça
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.

Só canto buliço da vida apertada,
Da lida pesada, das roça e do eito.
E às vez recordando a feliz mocidade,
Canto uma sodade que mora no peito.

Eu canto o caboco com suas caçada,
Nas noite assombrada que tudo apavora,
Por dentro da mata, com tanta corage
Topando a visage chamada caipora.

Eu canto o vaquêro vestido de côro,
Brigando com o tôro no mato fechado

Que pega na ponta do bravo novio,
Ganhando lugio do dono do gado.

Eu canto mendigo de sujo farrapo,
Coberto de trapo e mochila na mão,
Que chora pedindo socorro do home,
E tomba de fome, sem casa e sem pão.

E assim, sem cobiça dos cofre luzente,
Eu vivo contente e feliz com a sorte,
Morando no campo, sem vê a cidade,
Cantando as verdade da coisa do Norte
(ASSARÉ, 2011, p. 20).

O poema foi retirado do livro *Cante lá que eu canto cá* e denota aspectos relativos à história do nordestino, à medida que retrata seu cotidiano, suas características e costumes. Ao referir-se ao fato de não ter a oportunidade de estudar perante as condições econômicas de sua família, o poeta possibilita ao leitor uma visão da sociedade da época em que o mesmo se insere. Isso ocorre também quando no poema aparecem as características das residências, dos trajés, enfim, do dia-a-dia do caboclo nordestino que o poeta descreve ao mesmo tempo que também se autodescreve, ou seja, configura-se uma narrativa autorreferencial.

Escrito em 1975, o poema representa as recordações do autor. Patativa fala de seu pai e coloca-o como “sofrido” por conta da ausência de bens e como o mesmo afirma “vivia sem cobre”, que é o mesmo que não usufruir de dinheiro constantemente, embora trabalhando pesado na roça. Isso era um indicador que tornava impossível o ingresso de sua família na escola, que na época a qual ele se refere era algo bem restrito àqueles que possuíam “cobre”. Constatamos nesse poema a representação do homem simples do sertão, da família que enfrentava dificuldades e, por isso, tinha que enfrentar a dureza do trabalho rural.

Já no final do poema, temos um respaldo para essa interpretação de que, na época descrita, os recursos financeiros eram poucos e essa restrição variava de acordo com determinadas regiões geográficas, quando Patativa expressa: “E assim, sem cobiça dos cofre luzente, / Eu vivo contente e feliz com a sorte, / Morando no campo, sem vê a cidade, / Cantando as verdade das coisa do Norte”. Observamos que o autor trata “dos cofre luzente”, ou seja, do dinheiro ou recursos como algo bem distante de sua realidade, que é também a do meio em que vive.

O universo da literatura constitui uma socialização de valores, memórias e discursos, assim como na história. Assim sendo, podemos afirmar que o papel tanto do historiador como do literato tem relação com a reconstrução da memória. Cultura e representações não podem se desligar da construção de memória, pois “assim como a história é a narrativa que presentifica uma ausência no tempo, a memória recupera, pela evocação, imagens do vivido” (PESAVENTO, 2008, p. 15).

A memória tem a necessidade de suportes exteriores e de referências palpáveis, de algo que só existe através delas. A respeito desse tema, o historiador Jacques Le Goff enfatiza a importância da memória que tem como suporte a escrita:

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas (LE GOFF, 1996, p. 425).

Entendemos que, embora a literatura não tenha uma preocupação explícita em relação à memória, de certa forma existe um papel de suporte, já que as construções literárias constituem formas privilegiadas de se apreender aspectos da memória coletiva.

As revelações ou mesmo os silêncios nos textos literários são fontes relevantes para compreendermos os mecanismos de perpetuação ou transformação das representações de uma dada sociedade. Os discursos não somente qualificam o mundo, mas também orientam o olhar e a percepção sobre a realidade. Sendo assim, as fontes literárias, tem o poder de informar, em muitos casos, a respeito dos modos de pensamento de um grupo social tanto como os textos históricos.

O uso da literatura como fonte histórica possibilita um enriquecimento para a historiografia, que se torna mais agradável ao trabalhar sem tanta rigidez dos documentos, além de propiciar um conhecimento de aspectos importantes, que não são tão acentuados nos documentos oficiais. O autor Antônio Celso Ferreira afirma que as contribuições de outras fontes históricas, além dos documentos, são “necessárias ao conhecimento do clima, do solo, das espécies naturais, da agricultura, do artesanato, das formas de trabalho, das tecnologias, do comércio, das crenças e ideologias etc”

(FERREIRA, 2009, p. 66). Percebemos que alguns desses aspectos citados pelo autor podem ser destacados na poesia de Patativa do Assaré, quando ele apresenta em suas poesias as características religiosas, os costumes e o clima da região Nordeste, por exemplo.

O contato com várias metodologias da história faz com que detalhes pequenos presentes na literatura levem o pesquisador a uma viagem no tempo. Tanto que, ao ler a poesia de Patativa do Assaré, um historiador não só aprecia a métrica, o ritmo, a beleza e o encantamento dos versos, mas absorve informações que levam a refletir sobre o lugar em que se construíram esses versos, a época e o que os personagens viviam. O uso da literatura como fonte permite o contato com essa sensibilidade que remete a expressões do real e a representações e ideias de uma época.

1.3 RELAÇÃO ENTRE AMBAS

É cada vez mais frequente o uso de livros, como esse que aqui estudamos, na qualidade de fonte para a historiografia. O historiador se apropria de produções literárias em suas pesquisas não como o relato real, mas como fruto de uma realidade, já que as mesmas nascem da ótica do seu criador e sobre o que por ele é vivenciado.

O diálogo entre história e literatura possibilita uma leitura dos contextos nos quais as produções foram realizadas, no sentido de compreender melhor a mensagem que o autor quer passar. No entanto, as intenções, a forma de teorizar e as motivações que orientam o pesquisador no ato de ler são diversificadas.

Os historiadores, dentro de seus procedimentos metodológicos, têm o compromisso com os fatos que interpretam e que produzem uma verossimilhança na sua representação em torno do passado. Segundo Pesavento,

A literatura é narrativa que, de modo ancestral, pelo mito, pela poesia pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica. Por vezes, a coerência de sentido que o texto literário apresenta é o suporte necessário para que o olhar do historiador se oriente para outras tantas fontes e nelas condiga enxergar aquilo que ainda não viu (PESAVENTO, 2006, s/p).

Portanto, é a partir das indagações que o historiador faz, mediante um conhecimento prévio do contexto histórico que pesquisa, que se torna possível essa relação frutífera tanto para a história quanto para a literatura.

Ao trabalhar com literatura, primeiramente, o pesquisador busca fazer uma reflexão acerca do que consiste a mesma. A pesquisa estende-se também à cultura popular, pois se trata do retrato de grupos ou comunidades, onde se evidenciam os costumes dos povos da região estudada, o entendimento destes sobre a sociedade e a trajetória do escritor que se analisa.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior trabalha essa relação entre história e literatura mostrando as diferenças entre elas, nos propondo a ideia de que isso não as separam tanto. A nosso ver, isso pode até aproximá-las, pois tudo é uma questão de interpretação, ou seja, o conteúdo histórico destacado em uma produção literária depende do olhar de cada pesquisador sobre ela. Vejamos as comparações que o autor estabelece:

A História, filha bastarda da filosofia, nasce como cúmplice deste pensamento que recusa o sombrio, o negro, os abismos, que também fazem parte da realidade, que é o real dos homens, da vida, realidade que a Literatura continua a procura de figurar (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 47).

Compreendemos que, pelo fato da literatura ter a característica de “figurar a realidade”, não significa que se torne impalpável para a história. Pelo contrário, essa metaforização, essa incerteza também faz parte da realidade humana. Portanto, é recorrente e útil para a historiografia.

O autor defende a aproximação entre a história e a literatura, ao passo que discute sobre a negação que havia no século XX por parte dos historiadores quanto a esse encontro. O autor denota a questão do compromisso com o real que os historiadores insistiam em ressaltar na tentativa de afastar essas duas áreas do conhecimento. Então, Albuquerque Júnior propõe o seguinte questionamento: “Mas o que é o real?” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 44).

Segundo o autor, o real seria o acontecimento puro, sem problematização, sem nenhuma reflexão. Na concepção historiográfica entendemos que seria o contar os fatos pelos fatos, seria apenas reproduzir as fontes sem problematiza-las. É aí que nasce a negação da literatura pelos historiadores: como algo tão subjetivo e metafórico pode ser usado como fonte para a historiografia?

Acreditamos que a subjetividade não deve ser um elemento que separe a história da literatura. Afinal seria a história uma ciência objetiva? Não, a história trabalha com o que é humano, mutável, passível de opinião e, portanto, é também subjetiva. A relação entre história e literatura é o início de um caminho que proporciona à historiografia o reconhecimento de novas formas de compreender a sociedade e da sociedade se identificar através de seus escritos.

História e literatura são áreas do conhecimento distintas, que visam representar as vivências do homem no tempo. Entendemos, então, que as duas podem atuar como formas de explicar o presente, a partir dos escritos do passado. Ambas podem representar inquietações e questões que movem os homens em cada fase de sua história, à medida que possuem um público destinatário. A particularidade da escrita e leitura de um texto histórico ou literário é produto da especificidade daquele que lê e escreve. Dessa forma, os textos literários estão relacionados com outros textos e enunciados, assim como o livro do escritor ficcional ao contexto no qual foi produzido.

Concluimos que é viável a análise das representações por meio da literatura, pois, na historiografia atual, a relação entre história e literatura vem cada vez mais vigorando em trabalhos críticos e bem elaborados. A afinidade entre estas amplia novos paradigmas interpretativos. Nessa perspectiva, os textos literários, ao resgatarem temas históricos, atuam garantindo um olhar renovado sobre os fatos, reinterpretando-os. Em resposta a isso, “a memória social criada a partir do discurso literário se constitui numa representação que se socializa e que tem um conteúdo pragmático e socializador” (PESAVENTO, 1998, p. 13).

Portanto, tanto a história quanto a literatura contribuem para a construção de uma identidade social e também individual. Ambas apresentam uma sensibilidade na apreensão da realidade e operam oferecendo leituras diversas. Nesta medida, “as duas narrativas têm igualmente por efeito socializar os indivíduos, criando as condições simbólicas de coesão social” (PESAVENTO, 1998, p. 14). A literatura enriquece a

história, pois é uma fonte inesgotável para a pesquisa, possibilitando diversas interpretações e objetos de estudo dentro de uma só produção e constituindo, assim, um elemento importante também para acessarmos outras subjetividades em quaisquer temporalidades e espacialidades.

1.4 REPRESENTAÇÕES HISTÓRICO-LITERÁRIAS

Isso nos remete ao conceito de representação, que também é histórico e literário. Roger Chartier define o conceito de representação como uma construção feita pelos grupos sociais sobre suas práticas. Ainda que essas práticas não sejam perceptíveis em sua totalidade, elas somente existem enquanto representações. E essas representações só existem perante as leituras feitas sobre elas, que são diversificadas. Nesses termos, Chartier afirma que:

[...] sobre as lutas de representações, cujo objetivo é a ordenação da própria estrutura social, a história cultural afasta-se sem dúvida de uma relação fadada apenas ao estudo das lutas econômicas, mas também faz retorno útil sobre o social, já que dedica atenção às estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um “ser-percebido” constitutivo de sua identidade (CHARTIER, 1990, p. 78).

De acordo com Chartier, a história cultural possibilita um reconhecimento dos indivíduos quanto a sua própria identidade e dentro do seu meio social. E isso é possível através das representações que, segundo o autor, proporcionam um entendimento histórico além da visão econômica ou política, mas do indivíduo em sociedade, por meio de seus costumes, modos e falas.

Consideramos Patativa do Assaré como uma espécie de agente nesse processo de representação e sua poesia o meio onde o nordestino é representado. Para Francisco Salatiel de Alencar¹, um dos organizadores do livro aqui estudado, é como “a certeza de melhor alcançar a alma do povo ao se identificar”. Esse ato de o nordestino se

¹ Francisco Salatiel de Alencar é um padre cearense envolvido nos estudos relacionados à cultura popular, é o autor da apresentação do livro *Cante lá que eu canto cá*.

identificar nos versos de Patativa é legitimador das suas pretensões. O poeta optou pela escrita simples, tanto que no livro aqui analisado fez questão que as palavras permanecessem originalmente como foram escritas, tais quais ele pronunciava. Esse é o modo que ele se acostumou a falar e ouvir, relacionando a escrita com a oralidade dos seus versos.

São diversos os enfoques de onde o sertão foi observado e a ótica pela qual foi descrito. Artistas, escritores, cantores e imprensa, ao longo dos séculos, foram descrevendo a seu modo os diversos momentos da história e ao mesmo tempo construindo a identidade do Nordeste a partir de suas representações.

Compreendemos que os poemas de Patativa do Assaré possibilitam uma série de interpretações e autoafirmações de identidade. A problematização das representações do nordestino está situada de diferentes formas. Isso ocasiona a abertura de novos campos de pesquisa no que diz respeito à literatura popular e ao regionalismo anteriormente conceituados, oportunizando ainda estudos sobre os contrastes representativos do nordestino e, conseqüentemente, um conhecimento do plano social e cultural da região Nordeste.

O Nordeste é representado nas poesias de Patativa do Assaré, à medida que o poeta visa apresentar “o meio social em que vive num reflexo de uma geografia física e humana capaz de traduzir toda a tragédia do sertanejo durante a falta de chuvas, nas retiradas em busca da terra prometida que lhe ofereça uma vida melhor” (NASCIMENTO, 2008, p. 14).

Conforme Roger Chartier (1990), o objeto da história cultural é “identificar o modo em diferentes lugares e momentos que uma realidade social é construída, pensada dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16). Compreendemos ou problematizamos a história cultural de um povo em uma determinada região ou espaço, através das representações construídas ou mesmo criadas por nós mesmos. Chartier compõe o conceito de representação considerando as especificações de classe ou posição social, ou seja, as relações de poder e dominação. Elas são definidas pela vontade dos grupos ou indivíduos que as engendram, as idealizam, vai decorrer das escolhas dos olhares. As representações podem ser entendidas como uma realidade de amplos sentidos. São variadas as representações construídas em torno do nordestino, vejamos aqui como Patativa do Assaré representou o nordestino por meio de seus poemas.

Patativa do Assaré, a fim de representar o nordestino como modelo de sua própria experiência de vida, utiliza do discurso regionalista que está envolvido em uma representação e uma autoafirmação de identidade do nordestino. Destaca o sertanejo sofrido pela ação das secas e evidências sociais e econômicas da região e, por outro lado, também representa o caboclo alegre que faz festas, tem muita fé em Deus e, enfim, é feliz. Esta é a peculiaridade do artista que estudamos. Percebemos que ele representa as várias faces do Nordeste e, conseqüentemente, do nordestino como produto da arte, da oralidade, da literatura, da história.

2 PATATIVA CANTA A HISTÓRIA

O objetivo deste capítulo é discorrer sobre os principais aspectos da biografia de Patativa do Assaré, relacionando-os com a sua produção poética e acentuando a presença dos elementos históricos nela contidos. Levando em consideração que a principal fonte para essa pesquisa é uma produção autobiográfica, a maioria das informações problematizadas para este trabalho foram extraídas do livro que, para Patativa do Assaré, representa também a sua trajetória de vida.

A história de vida de Patativa do Assaré se confunde com sua poesia. O poeta de Assaré, cidade situada no sul do Ceará, teve uma infância como a de muitas crianças da região. Habitou-se às dificuldades financeiras de sua família sertaneja, acostumada aos trabalhos agrícolas e a um cotidiano de muitas dificuldades e poucas oportunidades, comum para as pessoas daquela região naquela época, como também em várias outras regiões do Brasil. Era uma sociedade marcada pelo analfabetismo, desigualdades sociais e preconceito, problemas que persistem até hoje.

2.1- PRIMEIROS VOOS

Segundo Patativa do Assaré, em meio às dificuldades de uma vida singela, aos quatro anos de idade, perdeu a visão do olho direito em consequência do sarampo e da falta de atendimento médico. Na época, morava na Serra de Santana, zona rural e muito distante do centro da cidade de Assaré. No decorrer dos anos, passou a enxergar cada vez menos do olho esquerdo. Se já era difícil o acesso à alfabetização, após esse episódio, tornou-se ainda mais complicado (ASSARÉ, 2005, p. 9).

Aos oito anos, outro acontecimento marcou sua vida: a morte de seu pai o obrigou a tomar consciência das responsabilidades precocemente, deixando as brincadeiras de criança de lado e passando a trabalhar na roça, ao lado do seu irmão mais velho, para ajudar na criação dos mais novos.

Além desses episódios, vale destacar o contato com a literatura de cordel. Havia na comunidade rural de Serra de Santana, como em várias outras do Nordeste, o hábito

das famílias sertanejas se reunirem todos os fins de tarde nos terreiros² para ouvirem as recitações de folhetos de cordéis. Esse costume gerou em Antônio Gonçalves da Silva uma profunda admiração pela arte de rimar, tornando-se também uma maneira de o aproximar das letras, como assim diziam em sua época, influenciando na alfabetização e nos voos do futuro Patativa.

Misturando esses acontecimentos marcantes da vida do Poeta a essa aproximação com as rimas, então, surgiu nele o eu-poético, marcado pela ânsia por dias melhores, pelo jeito de ver beleza nas coisas mais simples e pela valorização daquilo que lhe pertencia, daquilo de que fazia parte, sua terra sua gente, suas falas. Assim, Patativa cantou história, mostrando através dos versos aquilo que ele viveu e o modo como enxergou:

Quando eu ouvi alguém ler um folheto de cordel pela primeira vez, aí eu fiquei admirado com aquilo, mas no mesmo instante, eu pude saber que eu também poderia dizer em versos qualquer coisa que eu quisesse que eu visse que eu sentisse, não é? Comecei a fazer versinhos desde aquele tempo. Sim, a partir do cordel. Porque eu vi o que era mesmo poesia. Aí dali comecei a fazer versos. Em todos os sentidos. Com diferença dos outros poetas, porque os outros poetas fazem é escrever. E eu não. Eu faço é pensar e deixo aqui na minha memória. Tudo o que eu tenho, fazia métrica de ouvido. [...] A base era a rima e a medida. A medida do verso, com rima, tudo direitinho. Aí quando eu peguei o livro de versificação de Olavo Bilac e Guimarães Passos, aí eu melhorei muito mais. Eu já tinha de ouvido, porque já nasci com o dom, não é? (ASSARÉ, 2004, p. 39).

À medida que entrou em contato com os folhetos de cordel, tomou gosto pela poesia e descobriu que poderia explicar o mundo através dela: “poderia dizer em versos qualquer coisa que quisesse, que visse, que sentisse” (ASSARÉ, 2004). Naquele momento, ele viu a arte de rimar como um espaço de liberdade. Então, ela passou a ser seu instrumento de libertação, mesmo na lida na roça. Não seria somente uma distração, mas também o encontro com as palavras, uma luta, uma convivência diária, assim como a batalha pela vida. A oralidade foi importantíssima para a formação poética de

² Significado de Terreiro: quintal pequeno, geralmente de terra batida, localizado no exterior de uma casa; terraço ou eirado.

Patativa, pois foi a primeira fonte de contato entre o poeta e as rimas, tanto que sua produção é marcada por essa característica.

Os seus poemas levam o leitor a uma viagem não só no tempo, mas a uma viagem de sensações, de imagens, de cheiros. A poesia de Patativa representa o nordestino de um modo simples e natural, pois o poeta representa o cotidiano de uma sociedade e de uma época dos quais também fazia parte.

2.2 VOOS MAIS DISTANTES

O apelido de Patativa surgiu em 1928, durante uma viagem ao Norte do país, nos estados do Pará e Amapá, quando o folclorista cearense José Carvalho de Brito comparou a arte de Antônio Gonçalves da Silva ao canto da pequena ave do sertão: a “patativa”. Era sua primeira viagem para fora do Ceará, com dezenove anos de idade.

Foi a partir dessa viagem que suas cantorias feitas em terras nortistas, sobretudo a partir do encontro com o referido folclorista, foram caindo no gosto das pessoas. Naquela época, José Carvalho de Brito era correspondente do *Correio do Ceará*, e a poesia oral de Patativa teve seu primeiro registro escrito e publicado naquele periódico. Posteriormente, mereceu um capítulo no livro *O matuto cearense e o caboclo do Pará*.

Brito publicou os versos no jornal e, na ocasião, fez uma análise da poesia de Patativa comparando sua naturalidade ao canto sonoro da ave Patativa. Na memória do poeta ficaram registradas as estrofes ditas pelo folclorista sobre suas impressões neste encontro no Norte:

É ave que canta solta
Inda mais canta cativa
Seu nome agora é Antônio,
Crismado por Patativa.³

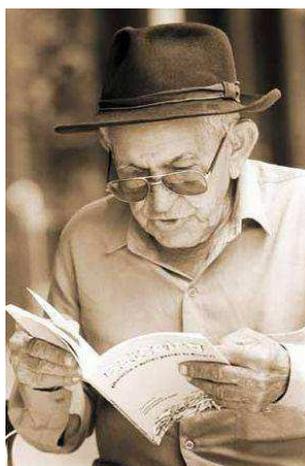
A declamação desses versos foi como um rito de passagem. Daquele momento em diante, o nome do poeta passou a ter essa “marca”. Foram cerca de seis meses no Norte, declamando, cantando, levando alegria e causando saudade aos conterrâneos nordestinos que migravam para lá, em busca de melhorias de vida, na efervescência da extração da borracha. Após esse período, Antônio voltou à Assaré com a alcunha

³ Patativa declamou esse verso de José Carvalho de Brito quando do recebimento do apelido “Patativa”.

“Patativa”. Sua breve passagem no Norte do país e o encontro com o folclorista José Carvalho de Brito foram muito importantes para sua carreira, principalmente porque foi o início da divulgação do poeta na imprensa.

Quando voltou a sua “oficina poética”, Serra de Santana, já havia outros poetas com o nome de patativa naquela região, por conta da fama do “verdadeiro” Patativa. Para não ser confundido, o poeta acrescentou “Assaré” ao seu nome, definitivamente surgiu “Patativa do Assaré”. A partir dessa passagem de Antônio Gonçalves para Patativa do Assaré, seu nome ecoou pelas ondas radiofônicas, pela fama dita de boca em boca, pelos festivais nas cidades do interior e, mais tarde, pelas gravações em disco e em película, pelas aparições na mídia e pelo registro escrito.

Patativa se dizia um amante das rimas e das letras, mas frequentou a escola por cerca de apenas seis meses. Segundo ele, teria sido tempo suficiente para que tomasse gosto pela leitura. Em sua autobiografia, ele afirma ter lido os seguintes autores: Olavo Bilac, Guimarães Passos, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Zé da Luz, Catulo da Paixão Cearense, Juvenal Galeno, Casimiro de Abreu, Castro Alves e Carlos Drummond de Andrade, ainda que não apreciasse muito este último pelo estilo com ausência de rimas. Dizia-se profundo admirador da obra de Camões e um leitor curioso e sagaz, buscando sempre ler mais. Lia de tudo, revistas, jornais, cordéis, romances (ASSARÉ, 2005, p. 10).



Fonte: Google Imagens. ⁴

⁴ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=patativa+do+assaré>>. Acesso em: 13 maio 2016.

O poeta buscou ler e aprimorar aquilo que chamava de “dom”. Em meio a uma época de tantas dificuldades na alfabetização e uma infância dedicada muito mais ao trabalho do que a escola, era comum que as pessoas confiassem muito em Deus e que acreditassem que aqueles que se destacassem mais nas letras, como se dizia, eram agraciados; e que o fato de aprenderem a ler, mesmo que pouco, era uma dádiva divina. Assim ocorreu com Patativa: ele tinha muito respeito a essa crença, que já vinha de seus pais. Mesmo acreditando nesse “dom”, não deixou de buscar mais informações e de ler, sempre buscando melhorar no que diz respeito às produções literárias.

As palavras mais presentes no livro que aqui estudamos são: a natureza, Deus, o canto das aves, os encantos das matas e os animais. Assim como seu “dom” de rimar aquilo que ele enxergava e achava interessante mostrar, a natureza também era para ele dádiva divina, porque era nela que ele vivia, era da terra que ele plantava, que vinha os alimentos para a família e a inspiração para sua poesia. Por isso, era considerada espaço abençoado, sagrado e, por assim ser, admirável, respeitável e belo.

2.3 A CONSOLIDAÇÃO DE PATATIVA DO ASSARÉ ENQUANTO POETA

Patativa foi, aos poucos, ganhando fama no cenário nacional. Alguns nomes cantaram poemas de Patativa: Luiz Gonzaga - *A triste partida*; Fagner - *Vaca Estrela e boi Fubá*; Chico Buarque, Milton Nascimento e alguns cantores do Nordeste - *Seca d'água*; Quinteto Agreste - *Seu dotô me conhece*; Mastruz com Leite - *O boi Zebu e as formigas*; Alcymar Monteiro - *Nordestino sim, nordestinado não*; Daúde - *Vida sertaneja*; Zé Vicente - *A lição do pinto*; José Fábio - *16 faixas com poemas musicados de Patativa*; Rolando Boldrin, Téo Azevedo, Zé Ramalho, Renato Teixeira, Pena Branca e Xavantinho, Gereba, entre outros.

Esses artistas interpretaram o estilo poético de Patativa descrito neste capítulo: trazendo alguns fragmentos históricos presentes nas rimas, como por exemplo: quando tratou das dificuldades impostas pela seca no Nordeste e pelas formas de lidar com a estiagem, o preconceito e as desigualdades apelando para a fé. Na letra a *Triste Partida*, interpretada por Luiz Gonzaga, em 1964, trata da migração dos nortistas para o Sul, como assim diziam, para tentar fugirem da fome e da seca, em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Fruto de um universo de oralidade, e ainda por uma realidade marcada pelo analfabetismo, Patativa do Assaré era consciente da importância do conhecimento das letras, num mundo por elas conduzido. Então, diante dessa realidade social, não podemos dizer que o poeta buscava a leitura somente para aprimorar seu trabalho, sua arte, aquilo que ele chamava de dom. Ler era também uma forma de se sobressair, uma questão também de necessidade – como é até hoje.

O poeta “canta história” ao se posicionar diante das injustiças do crescente mundo capitalista que explorava os pobres em virtude do crescimento de poucos. Fato pouco notado pelos que detinham o poder e denunciado nas rimas de Patativa. No Poema *Ingratidão*, presente no livro *Cante lá que eu canto cá*, o poeta expressa seu incômodo diante da desigualdade social e exploração dos menos favorecidos:

[...]
 Tá tudo disinvorvendo
 Nas descoberta importante,
 Mas o sabido vivendo
 A custa do inguinorante.
 Meu Jesus, meu Pai querido,
 Tudo aqui tá desunido,
 Iscute, que eu vou contá
 Um causo munto penoso,
 Um inzempro monstruoso
 De ingratidão patrona.

A historia do pobre João,
 Aconteceu mesmo aqui,
 Nesta invejada nação,
 Nas terra do meu Brasília.
 Sem um raio de esperança
 Começo derne criança
 A trabaiaá no roçado,
 Pro causa das consequença
 Dos home sem consciença,
 Já nasceu sendo agregado.

Por bem pequena quantia
 Trabaiaando o dia intêro
 Aquele pobre vivia
 No seu trabaio grosêro
 E o patrão sempre a mandá
 João prali, João pracolá,
 Faça isto, e faça aquilo,
 E o pobrezinho às carrêra
 Naquela grande cansêra
 Pulando que nem um grilo.

E não era ele sozinho,
 O João não sofria só
 No mesmo estado mesquinho
 Sofrendo de fazê dó,
 Sua mãe e duas irmã,
 Agarrava dimenhã
 Na mesma labutação
 Trabaiando, trabaiando
 Cada vez mais omentando
 A riqueza do patrão.

O patrão vendo vantage
 Naquelas quatro pessoa,
 Com gracejo e pabulage,
 Com piadinha e com loa,
 Repreto de procrisia,
 Tratava aquela famia
 Com uma certa tenção,
 Se figindo satisfeito
 Achando que deste jeito
 Conformava o pobre João.
 [...] (ASSARÉ, 2011, p. 190)

Observamos, nessas estrofes, o olhar de Patativa sobre o desenvolvimento tecnológico no Brasil e as consequências deste processo para as classes mais pobres, ainda salientando as disputas por poder e o crescimento econômico que se dava de forma desigual, baseado na exploração dos que não detém o poder dos meios de produção.

Verifica-se também, como já havíamos observado anteriormente, a preocupação do poeta no que diz respeito à falta de estudo dos sertanejos. Ele expressa através dos versos que, naquele momento de efervescência do desenvolvimento econômico do país, os que tiveram mais oportunidade de estudar exploravam aqueles que não tiveram. Isso se daria de forma injusta, uma vez que o “João” dos versos de Patativa recebe pouco por um trabalho altamente desgastante. Essa era uma realidade não só de “João”, mas de sua família e de muitas outras famílias nordestinas e por que não dizer, brasileiras? Hoje, ainda se vêem situações parecidas. Porém, não podemos negar que, na época em que Patativa escreveu esse poema, por volta da década de sessenta do século XX, essa era uma realidade bem mais comum. Os versos falam ainda da hipocrisia, ponto tão conflitante no Brasil.

Patativa fez uma poesia híbrida, já que seus versos interagem com as linguagens popular e erudita. Burke mostra justamente essa possibilidade de abertura para se pensar o movimento de interação cultural entre as tradições e não somente numa via de mão única. Sobre essa interação o autor afirma:

Os especialistas várias vezes sugeriram que muitas interações entre cultura erudita e popular eram uma razão para abandonar de vez os dois adjetivos. O problema é que sem eles é impossível descrever as interações entre o erudito e o popular. Talvez a melhor política seja empregar os dois termos sem tornar muito rígida a oposição binária, colocando tanto o erudito como o popular em uma estrutura mais ampla (BURKE, 2004, p. 42).

Burke se mostra contrário ao abandono dos adjetivos popular e erudito relativos à cultura, para a interação entre ambos. Ele defende a existência dos dois, sem uma oposição tensa, mas que o popular e o erudito merecem ser abordados em um sentido amplo.

Historicamente, verifica-se que o espaço do erudito era reservado às elites, às pessoas letradas, aos intelectuais. E o popular às classes mais baixas, aos mais pobres. Culturalmente falando, o popular seria marcado por manifestações mais simples, menos arrojadas, produzidas por “pessoas comuns” e não por intelectuais. Esse conceito é integrante de um discurso preconceituoso que precisa continuar a ser desmistificado. Isso só é possível através de estudos e problematizações como as que estamos realizando aqui.

Quando perguntado sobre essas questões de linguagem popular ou erudita, o poeta deixou claro que, para ele, isso não tinha importância. O que lhe interessava mesmo era ser ouvido e que através da sua voz se apresentasse aquilo que ele via e achava necessário que o mundo visse, ou seja, para ele o pensamento e a poesia eram livres, naturais. Para ele, os espaços de filosofar não eram apenas as escolas ou as Universidades. A liberdade para pensar e explicar o mundo também era direito do sertanejo, do homem do campo, e que isso deveria acontecer de forma livre, com a linguagem que se tinha e dominava.

Nesse mundo poético, para Patativa, não poderia faltar às preocupações com as questões de sua época. Observamos em seus versos a visão do poeta sobre questões

ecológicas, a reforma agrária, a expansão do mundo capitalista, a globalização. Vejamos seu pensamento sobre a reforma agrária:

Era só o que fartava
 Deus fez a terra pra gente
 Prantá feijão, mio e fava,
 Arroz, e toda semente,
 E estes latifundiario
 Egoísta e uzuraro
 Sem que nem praquê se apossa,
 E nós neste cativêro
 Sendo agregado e rendero
 Da mesma terra que é nossa
 (ASSARÉ, 2004, p. 43).

O próprio poeta dizia ser consciente da importância de seus versos para a sociedade. É importante salientar também a expressão religiosa presente nas poesias mostrando as tradições da época e a fé, muitas vezes atrelada às necessidades impostas pelas condições climáticas, às festas quando chovia no sertão e a esperança nas épocas de seca.

Na poesia de Patativa do Assaré, a modernização e seus impactos não passaram despercebidos. Ele compôs uma mediação entre a sua experiência humana individual e coletiva. O poeta chegou até a ser considerado subversivo por ser incisivo ao tratar as relações de trabalho, como já mostramos ao longo deste trabalho. E também ao tratar sobre o sistema fundiário.

A política também foi tema para sua poesia. Durante o regime militar (1964 – 1985), o poeta criticou os militares e chegou a ser perseguido. Participou da campanha das Diretas já, em 1984 e publicou o poema "*Inleição Direta 84*"⁵:

[...]
 “Bom camponês e operaro
 A vida tá de amargá
 O nosso estado precaro
 Não há quem possa aguentá
 Neste espaço dos vinte ano
 Que a gente entrou pelo cano

⁵ Informações disponíveis em: <<http://www.onordeste.com/>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

A confusão tá com preta
Mode a coisa miorá
Nós vamo bradá e gritá
Pela inleição direta.”
[...]⁶

Não há registros de que Patativa tenha sido preso ou torturado na época da ditadura. Porém, de acordo com Gilmar de Carvalho (2002), os intelectuais moralistas de direita da época criticavam o trabalho do poeta, principalmente pela sua simplicidade e conteúdo que expunha as mazelas do sertão. Justamente numa época em que ansiavam por uma imagem positiva em termos nacional, era de se esperar que as denúncias presentes nas rimas de Patativa não agradassem a todos.

Segundo Gilmar de Carvalho, um dos principais estudiosos da biografia e da obra de Patativa do Assaré, o poeta trata predominantemente em seus escritos das características dos habitantes do Nordeste, da religiosidade, das tradições culturais do Nordeste. Trata ainda de questões políticas e ecológicas, como a preservação da natureza e das injustiças sociais (CARVALHO, 2002).

Carvalho destaca ainda que uma característica importante da obra de Patativa é a frequente polarização entre o matuto do sertão e o “dotô” da cidade: “O matuto fala errado para desafiar o conhecimento do doutor e impor sua verdade. É uma estratégia de valorização do sujeito popular” (CARVALHO, 2002). Outra característica das poesias de Patativa é que são essencialmente narrativas da oralidade.

Assim, Patativa do Assaré foi aos poucos construindo sua carreira, conquistando espaço no mundo da literatura e recebendo o merecido reconhecimento. Atualmente, sua obra é fonte de pesquisa para aqueles que almejam o conhecimento de temas relacionados à região Nordeste, à poesia, à cultura e à literatura popular.

⁶ Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: 13 maio 2016.

3 O NORDESTINO REPRESENTADO EM VERSOS DE PATATIVA

Neste capítulo, fecharemos as discussões propostas para o trabalho com uma análise do livro *Cante lá que eu canto cá*, que tem como subtítulo *Filosofia de um trovador nordestino*. Segundo Patativa do Assaré, o livro reúne seus principais poemas, selecionados por ele mesmo, e organizado pelo Centro de Documentação, Estudos e Pesquisas (CENDEP).⁷ Por meio desta análise é que pretendemos dispor as representações do nordestino feitas no livro de Patativa do Assaré.

Entre os vários modos de representação do nordestino, destacamos os traços como: a ênfase na beleza, exuberância e força da natureza; na relação entre o sertanejo e seu espaço; na força desse sertanejo, que resiste a toda sorte de provações impostas pelo meio e pelas estruturas sociais que opõem o mundo do sertão ao espaço da cidade.

3.1 O NORDESTINO NA SUA TERRA

No mundo tem tanta gente
 Veia quage demente,
 Que não sente o que nós sente
 E desfruta por aqui,
 Gente sem gosto e sem sorte,
 Que já vai perto da morte,
 Sem vê um São João do norte,
 Nas terras deste Brasília
 (ASSARÉ, 2011, p. 202).

Podemos observar nesses versos a linguagem coloquial⁸, isto é, a presença marcante do modo próprio de falar do nordestino, com seus regionalismos e sotaques. Isso também era uma característica do escritor. Para nós pesquisadores, tem a função de

⁷ O CENDEP – Centro de Documentação, Estudos e Pesquisas, era um setor da Fundação Padre Ibiapina – da Diocese de Crato, foi instituído em maio de 1975. Este era o órgão de apoio técnico responsável pelo levantamento da realidade regional, a difusão do pensamento cristão e o arquivamento sistemático da documentação referente aos setores, às entidades e à Fundação em geral. Que foi substituído pelo (DHDPG) Departamento Histórico Diocesano Pe. Antônio Gomes de Araújo, subsidiado pela Diocese de Crato - CE.

⁸ A Linguagem Coloquial, informal ou popular é uma linguagem utilizada no cotidiano em que não exige a atenção total da gramática, de modo que haja mais fluidez na comunicação oral.

nos fazer imaginar, criar melhor na mente o espaço em que os versos foram construídos, seus personagens e seus costumes. O poema fala das festas juninas: observamos o orgulho do autor em falar das festas do sertão e da alegria das pessoas em poder comemorarem essas datas com festas, música, comidas típicas, e de como o nordestino se orgulha em manter essa tradição.

O São João é uma das mais tradicionais festas no Nordeste. Há o costume de acender fogueiras e, em volta dela, reunir a família e os amigos para fazer assim uma festa recheada de músicas de forró, comidas feitas com o milho verde: pamonha, canjica, bolos; ou mesmo o milho verde assado ou cozido. Essa é uma tradição muito forte, porque ocorre no mês de junho, justamente o período da colheita da safra. E, se o inverno for favorável, a Festa de São João é ainda mais alegre. Com a divulgação através da mídia, essa tradição foi ampliada e ganhou novos formatos. A tradição das apresentações de quadrilhas e danças típicas do Nordeste foram aos poucos ganhando também a zona urbana.

Observar este poema, assim como outros também do livro que aqui analisamos, nos faz mais atentos aos detalhes que enriquecem ainda mais a cultura nordestina. Ainda neste poema nosso autor traz à tona a religiosidade do povo, as superstições e até a maneira como as pessoas davam uma trégua no enfrentamento das secas e nas dificuldades para observar o que há de bonito ao seu redor e assim valorizar muito esses outros elementos que fazem parte do seu meio.

A partir da leitura do livro *Cante lá que eu canto cá*, percebemos que o Nordeste é mais que espaço geográfico e elemento de constituição da subjetividade, é objeto de linguagem poética. A ele compete uma maneira própria de expressão, um ritmo próprio e incapaz de ser recriado em outro contexto. Então, é nessa dimensão que Patativa do Assaré é instituído como criador literário, um autor que não se limita a continuar essa divulgação de um retrato pitoresco do sertão. Ele vai além disso. Em seus poemas, o sertão nutre a expressividade e cria maneiras peculiares de percepção e comunicação. Vejamos no poema *A Festa da Natureza*, o nordestino representado através da sua relação com sua terra:

Chegando o tempo do inverno
Tudo é amoroso e terno
Sentindo do pai eterno

Sua bondade sem fim
O nosso sertão amado
Esturricado e pelado
Fica logo transformado
No mais bonito jardim

Neste lindo quadro de beleza
A gente vê com certeza
Que a musga da natureza
Tem riqueza de incantá.
Do campo até na floresta
As aves se manifesta
Compondo a sagrada orquestra
Desta festa naturá.

Tudo é paz tudo é carinho,
No construção de seus ninho,
Cantam alegre os passarinho
As mais sonora canção.
E o camponês vai prazentêro

Vai prantá feção ligeiro,
Pois é o que vinga primeiro
Nas terras do meu sertão
Pois é o que vinga premêro
Nas terra do meu sertão.

Depois que o podê celeste
Mandar a chuva pro Nordeste,
De verde a terra se veste
E corre água em borbutão
[...]

Nesta festa alegre e boa
Canta o sapo na lagoa,
No espaço truvão reboa
Mostrando o seu rôvo som.
Vai tudo se convertendo,
Constantemente chovendo
E o povo alegre dizendo:
Deus é poderoso e bom!

[..]
Os cordão de brabuletas
Amarela, branca e pretas
Vão fazendo pirueta
Com medo do bem-te-ví,
E entre a mata verdejante,
Com o seu papé istravagante
O gavião assartante
Que vai atrás da jurití.“

[...]. (ASSARÉ, 2011, p. 79)⁹

Nesse poema destacamos o apreço de Patativa do Assaré por sua terra. Era algo característico dele que também podemos estender à figura do nordestino, pois o mesmo traz elementos que substanciam a ideia da existência deste apreço. O próprio título do poema é sugestivo para esse entendimento: *Festa da Natureza*. Sugere-se que está acontecendo uma festa na natureza dentro dela. Mas, ao lermos o poema, vemos que também a festa de que se fala é na verdade para a natureza, para celebrar a alegria que vem com a chuva no sertão, para comemorar o bom inverno e a bonança que com ele se espera, ao mesmo tempo que é feita de simplicidade e de elementos que na verdade são dela, mas que mereciam ser ressaltados.

Observa-se no poema a admiração pela natureza, pelas aves, pelas águas que agora correm caminho adentro, trazendo a esperança para os sertanejos. Ressaltamos também o encanto do homem com este momento e a valorização dele, o modo como o respeitam e o vivem intensamente usufruindo dos simples detalhes, como o mugir das vacas, as cores das borboletas e até o perfume das flores. É aí que percebemos a sensação de pertencimento do homem com a sua terra, é como se homem não só observasse essa festa, mas fizesse parte dela.

É importante destacar também a religiosidade ressaltada nesse poema, porque essa festa de que fala o poeta é, para ele, fruto da obra de Deus e, portanto, este é saudado em meio aos versos: “*Vai tudo se convertendo, / Constantemente chovendo/ E o povo alegre dizendo:/ Deus é poderoso e bom!*”. Essa renovação no sertão, rapidamente modificado pela ação das chuvas, que substituem a vegetação seca pela verde, é atribuída à fé do povo, à força de suas orações.

Nos poemas de Patativa que aqui analisamos a seca é representada de modo menos rígido e, em muitos casos, de modo indireto. No poema “Eu e o sertão”, o autor fala em “bom e sadio crima” e o sol escaldante é descrito de modo antagônico:

⁹. Este poema se transformou em música e foi cantado por Fagner, na década de 1980; e por Gereba, em 2002 (CARVALHO, 2002).

O teu só é tão ardente,
 Que treme a vista da gente
 Nas parede de reboco,
 Mas tem milagre e virtude,
 Que dá corage, saúde
 E alegria aos teus caboco
 (ASSARÉ, 2011, p. 21).

Então, mesmo que o sol seja forte, os danos causados por ele parecem menores diante dos benefícios que causa aos caboclos. É como se o autor encontrasse uma maneira de tornar seus versos mais encantadores, ressaltando beleza em coisas simples e amenizando a rispidez das secas no sertão.

Por conta da forte interação de Patativa com a região Nordeste, sua poesia desenha-se de modo menos dramático. O que não o distancia de uma postura acrítica ou idealizadora. Ele indica, em seus versos, a grande chaga do nordestino - a falta de assistência do Estado, que repercute na educação e na saúde. Possivelmente, pela intimidade com a realidade, o Nordeste de Patativa ganha horizontes mais amenos.

Por diversos momentos no livro, Patativa apresenta-se um apego a sua terra. Isso indica a consciência do poeta em relação ao seu pertencimento a uma coletividade, que fica atrelado a toda sua produção poética. Através da sua percepção sobre fatos reais de um contexto social em que está inserido, a identidade do poeta se estabelece então sobre esse contexto. Esse fato se evidencia em todo o âmbito do livro, mas tomemos como exemplo o poema *Cante lá que eu canto cá*:

Poeta, cantô da rua,
 Que na cidade nasceu,
 Cante a cidade que é sua,
 Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,
 Aqui, Deus me ensinou tudo,
 Sem de livro precisa.
 Por favô, não mexa aqui,
 Que eu também não mexo aí,
 Cante lá, que eu canto cá.

Você teve inducação,
 Aprendeu munta ciência,
 Mas das coisa do sertão
 Não tem boa eperiença.
 Nunca fez uma paioça,
 Nunca trabaiou na roçã,

Não pode conhece bem,
Pois nesta penosa vida,
Só que provou da comida
Sabe o gosto que ela tem.

Pra gente cantá o sertão,
Precisa nele mora,
Tê armoço de feijão
E a janta muncunzá,
Vivê pobre, sem dinheiro,
Trabaiando o dia intêro,
Socado dentro do mato,
De apragata currulepe,
Pisando inriba do estrepe,
Brocando a unha-de-gato.
[...] (ASSARÉ, 2011, p. 25)

Esse poema pode ser lido como uma espécie de “apresentação” do livro de Patativa do Assaré, não só o que elencamos como fonte principal, mas de toda sua produção. Por isso, é fácil identificar o autor como fonte de conhecimento histórico, por essa sensação de pertencimento que seus versos trazem. Essa simplicidade, objetividade e naturalidade presentes nos versos fazem surgir imagens, criam-se telas que ganham cores e formas ao passo que lemos os poemas.

Esses versos trazem à tona a ótica do poeta sobre sua realidade social. “Pra gente cantar o sertão é preciso nele morar”. Nesse caso, o significado do verbo morar vai além de “habitar; fixar residência, morada em algum lugar”, o significado neste caso é muito mais abrangente do que se pensa.

Nesse contexto, morar quer dizer sentir, conhecer, ter experiência, ser parte integrante daquela realidade que representa, que é diferente de um sentimento individual. Não se rima o cotidiano de um. Patativa representa uma coletividade que compartilha a mesma situação e divide momentos vividos. Não há no sertão apenas a representação de um lugar específico, mas toda uma porção do território nordestino que divide saberes compartilhados, lembrado por uma cultura própria que caracteriza a terra e seu povo.



Patativa do Assaré no ano de 1993 em frente à casa onde nasceu e viveu (Foto: Ernesto Souza / Ed. Globo).¹⁰

É a experiência do mundo que se manifesta nas poesias. Tendo como ponto de partida a observação da realidade ao seu redor, constrói sua personalidade. Sua vivacidade é definida predominantemente por um caráter social, como observamos em um trecho da conversa entre o poeta e o pesquisador Gilmar Carvalho (2002):

P.A. - Meus poemas são assim, porque eu sou muito revoltado contra a injustiça. Sempre fui. Agora sei respeitar os donos do poder. Eu num vou afrontar ninguém coisa nenhuma. Tanto é assim que minha poesia é assim dentro desse tema do povo. É assim como um grito de alerta, apresentando o estado de vida aqui... Ali... na classe pobre né? G. C. - A sua poesia é social. P. A. - E assim por diante. Como nós... Como eu apresento naquele meu poema “Brasil de Cima, Brasil de Baixo”, que é a divisão de classes.

É justamente dessa percepção da realidade, da cultura, dos costumes, dos valores de seu povo, das injustiças sofridas e as tristezas consequentes que é possível notar a visão de mundo engendrada por Patativa como resultado de sua própria realidade social.

Portanto, ao retratá-la, o mesmo acaba por representar o seu povo sertanejo, o nordestino ou nordestina de sua época. Ele canta seu incômodo em pensar que as autoridades, como disse Elba Ramalho, em ocasião da gravação da música *Nordeste*

¹⁰ Disponível em: <http://www.revistaalternativa.com.br/noticias_alternativa>. Acesso em: 13 maio 2016.

Independê: “Sobrevoam o nordeste, certificam-se de que há seca realmente e a usam a seu favor!”¹¹. Incomodava a Patativa esse olhar de fora para o sertanejo, por isso ele canta a vida na roça, a religiosidade, a coragem, as vitórias e derrotas do povo nordestino como algo que ele próprio viveu. Ele não constrói uma representação partindo somente de uma visão ou de uma comparação, mas de uma vivência.

3.2- O NORDESTINO NA SUA PELEJA

O livro *Cante lá que eu canto cá* é um exemplo de escrita que nos permite ler o sertão nordestino, traz os diversos traços da cultura popular, dos costumes, filosofias, protestos. É a voz de um nordestino sobre os nordestinos e para qualquer leitor. Para nós historiadores, um brotar para novos horizontes. Utilizar de versos para fazer história é mergulhar em sensações, ritmos, cores e assim produzir com mais leveza sem tantas pretensões, mas destacando detalhes que, embora pequenos, são imprescindíveis para se entender uma época, um lugar, um povo. Assim é o livro que estudamos rico em detalhes que nos falam desde as vestimentas do sertanejo até a visão dele sobre o espaço urbano e as diferenças entre campo e cidade. Vejamos o poema *Caboclo Roceiro*:

Caboclo Roceiro, das plaga do Norte
Que vive sem sorte, sem-terra e sem lar,
A tua desdita é tristonho que canto,
Se escuto o teu pranto, me ponho a chorar.

Ninguém te oferece um feliz lenitivo,
És rude, cativo, não tens liberdade.
A roça é teu mundo e também tua escola,
Teu braço é a mola que move a cidade.

De noite, tu vives na tua palhoça,
De dia, na roça, de enxada na mão,
Julgando que Deus é um pai vingativo,
Não vês o motivo da tua opressão.

¹¹ A música “Nordeste Independente”, um bem-humorado e utópico manifesto contra a discriminação sofrida pelo Nordeste, gerou polêmicas no início dos anos 1980. A música foi composta pelo escritor, compositor e roteirista, Bráulio Tavares e por Ivanildo Vilanova, um dos poetas repentistas mais conhecidos e respeitados do Brasil. A música foi gravada por Elba Ramalho na década de 1980, que aproveitou apenas seis, das, pelo menos, quinze estrofes escritas pelos poetas. Disponível em: <<http://www.drzem.com.br/2009/12/o-nordeste-independente>>. Acesso em: 27 fev. 2016.

Tu pensas, amigo, que a vida que levas,
De dores e trevas, debaixo da cruz
E as crises cortantes quais finas espadas,
São penas mandadas por nosso Jesus.

Tu és, nesta vida, um fiel penitente,
Um pobre inocente no banco do réu.
Caboclo, não guardes contigo esta crença,
A tua sentença não parte do céu.

O mestre divino, que é sábio Profundo.
Não fez, neste mundo, teu fado infeliz.
As tuas desgraças, com tua desordens,
Não nascem das ordens do Eterno Juiz.

A lua se apaga sem ter empecilho,
O sol do seu brilho jamais te negou,
Porém, os ingratos, com ódio e com guerra,
Tomaram-te a terra que Deus te entregou.

De noite, tu vives na tua palhoça,
De dia na roça, de enxada na mão.
Caboclo roceiro, sem lar, sem abrigo,
Tu és meu amigo, tu és meu irmão
(ASSARÉ, 2011, p. 99)¹².

Esses versos nos fazem perceber um momento de protesto do poeta contra a falta de reconhecimento social para o agricultor, muitas vezes visto como rude, por conta do seu isolamento urbano ocasionado pela rotina pesada de trabalho na roça, bem como pelas adversidades do seu dia-a-dia.

O poeta reconhece a importância do agricultor para a sociedade: *“Teu braço é a mola que move a cidade”*. A partir desse reconhecimento, protesta contra a falta de incentivo. Este se existisse faria diferença, não só na lida diária, mas também na autoestima do trabalhador que, por vezes, diante de tanta dificuldade, chega a colocar à prova algo que é tão importante para ele: a sua fé. A falta de apoio político, econômico e social acaba por tornar ainda mais difícil a vida do caboclo roceiro, já tão castigada pelas condições climáticas de sua região.

¹² Observamos nesse poema uma diferença na linguagem do poeta. Tentamos pesquisar o motivo dessa diferença, mas, infelizmente, não conseguimos informações sobre isso e mantivemos a grafia como aparece no livro.

Nos últimos versos, o poeta expõe o Caboclo Roceiro que “*vives na tua palhoça*”, mas logo em seguida já menciona “*Caboclo Roceiro, sem lar, sem abrigo*”. Ao falar que o caboclo está “*sem abrigo*” não quer dizer que ele não tenha onde morar, mesmo porque, no verso anterior, diz que ele vive em sua palhoça. O “*sem abrigo*” de que o poeta nos fala significa sem assistência, sem ter a quem recorrer em um momento de aflição, é uma denúncia ao governo e a também ao preconceito da época que excluía os mais pobres.

O caboclo então se vê injustiçado, desprotegido, sozinho, pois até aquele de quem sempre espera a compaixão (Deus) parece não lhe escutar. Isso é proveniente da rotina causticante e das frustrações com o trabalho, pois, quanto maior a esperança, maior o desgosto quando o que se almeja não se alcança.

O livro *Cante lá que eu canto cá*, traz poemas que falam das vaquejadas, das roupas de couro utilizadas pelos vaqueiros. Também das roupas simples utilizadas durante o trabalho diário na roça. Do “chapéu de páia”, acessório necessário para se proteger do sol, que se transformou em um dos símbolos da imagem do homem sertanejo, até utilizados nas quadrilhas juninas anteriormente mencionadas. Traz ainda o modo como o sertanejo vê a cidade e, mesmo que diante das dificuldades enfrentadas no campo, ainda existe amor por sua terra – dói para ele “ter de se aventurar no sul”. Isso traz à tona a problematização em torno da migração e do “espaço de saudade” que Durval Muniz de Albuquerque Júnior nos fala no livro *Invenção do Nordeste*. Para ele:

A região Nordeste, que surge na “paisagem imaginária” do país, no final da primeira década deste século, substituído a antiga divisão regional do país entre Norte e Sul, foi fundada na saudade e na tradição (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 65).

Albuquerque nos leva a entender que esse nordeste e suas representações foram criados nesse espaço, em que os artistas escreviam a saudade falando das coisas do sertão, de como sentiam falta delas e como também aqueles que migraram para o sul em busca de trabalho também a enfrentavam. Luiz Gonzaga foi um dos que cantou a saudade do sertão e acabou, também por meio dela, divulgando-o com sua gente. Patativa do Assaré também cantou saudade, aliás, escreveu e Gonzaga cantou:

[...]
 Chegaro em São Paulo – sem cobre, quebrado.
 O pobre, acanhado,
 Percura um patrão.
 Só vê cara estranha, da mais feia gente,
 Tudo é diferente
 Do caro torrão.

Trabaia dois ano, três ano e mais ano,
 E sempre no prano
 De um dia inda vim.
 Mas nunca ele pode, só veve devendo,
 E assim vai sofrendo
 Tormento sem fim.

Se arguma notícia das banda do Norte
 Tem ele por sorte
 O gosto de uvi,
 Lhe bate no peito sodade de moio,
 E as água dos oio
 Começa a caí.

Do mundo afastado, sofrendo desprezo,
 Ali veve preso,
 Devendo ao patrão.
 O tempo rolando, vai dia, vem dia,
 E aquela famia
 Não vorta mais não!

Distante da terra tão seca mas boa,
 Exposto a garoa,
 A lama e ao paú,
 Faz pena o nortista, tão forte, tão bravo,
 Vivê como escravo
 Nas terra do Su
 (ASSARÉ, 2011, p. 89).

No poema acima apresentado, observamos a representação da saudade dos nordestinos que, diante da seca e da falta de oportunidade de trabalho no sertão, sentiam-se obrigados a migrar para a região Sul em busca de trabalho e dias melhores, mas tinham sempre o desejo de retornar a seu “torrão”.

Denota ainda a relação de exploração entre eles e seus patrões: “Ali veve preso,/Devendo ao patrão”. Era comum que, diante das dificuldades em que se encontravam, ao passo de iniciarem uma nova vida, os retirantes aceitassem as propostas de crédito do patrão. Até por não terem alternativa para sua sobrevivência e

da família, acabavam aceitando as condições e entrando na “nova vida” e no novo trabalho já com dívidas. Consequentemente, iam embarcando cada vez mais nelas tanto que chegavam ao ponto de ficarem presos aquele trabalho e, portanto, sujeitos a aceitarem as condições e humilhações do patrão.

3.3- O NORDESTINO QUE “ZOMBA NO SOFRER”

Concluimos que, a principal representação que podemos extrair da poesia de Patativa do Assaré está na maneira como o nordestino encara diariamente suas dificuldades. Esse é o foco principal do poeta ao representar o nordestino. Em meio a isto, verificamos várias imagens típicas deste nordestino. Vejamos um fragmento do poema *Vida Sertaneja*:

Sou matuto sertanejo,
Daquele matuto pobre
Que não tem gado nem quêjo,
Nem ôro, prata, nem cobre.
Sou sertanejo rocêro,
Eu trabaio o dia intêro,
Que seja inverno ou verão.
Minhas mão é calejada,
Minha péia é bronzizada
Da quintura do sertão.

[...]

Canto a vida desta gente
Que trabaia inté morre
Sirrindo, alegre e contente,
Sem dá fé do padecê,
Desta gente sem leitura,
Que, mesmo na desventura,
Se sente alegre e feliz.

[...]

Eu canto o forte cabôco,
De gibão e chapéu de côro,
Que, com corage de lôco,
Infrenta a raiva do tôro
Com um agudo ferrão.
E das noite de São João
Eu canto as bela foguêra
Com seu fogo milagroso,
Segredo misterioso

Das moça casamentêra.

[...]

Cabôco que não cubiça
 Riqueza nem posição
 E nem aceita a malícia
 Morá no seu coração.
 Cabôco que, nesta vida,
 Além da sua comida,
 O que mais estima e qué,
 É a paz, a honra e o brio,
 O carinho de seus fio
 E a bondade da muié.
 [...] (ASSARÉ, 2011, p. 75).

O poema expressa as várias vertentes da imagem do nordestino. Porém, com o diferencial que já havíamos destacado nas poesias de Patativa do Assaré, que é o de não acentuar sobre a figura do nordestino apenas o seu sofrimento, suas dificuldades, mas de sobressaltar o enfrentamento dele diante das imposições da natureza, da política e da sociedade.

Sublinhamos aqui as imagens: do agricultor que não possuía terra, mas trabalhava para patrões e sofria os efeitos do clima do Nordeste: “Sou matuto sertanejo, / Daquele matuto pobre/ Que não tem gado nem queijo, / Nem ôro, prata, nem obre. / Sou sertanejo rocêro, Eu trabaio o dia intêro, / Que seja inverno oucerão./ Minhas mão é calejada,/ Minha peia bronzada/ Da quentura do sertão”. E do vaqueiro, profissão comum no sertão nordestino, conhecido pela sua força e bravura: “Eu canto o forte caboco,/De gibão e chapéu de côro,/ Que, com corage de loco,/ Infrenta a raiva do tôro.”

Encontramos nesses versos o foco principal da representação que destacamos neste trabalho: a representação do nordestino como um afrontador das condições a ele impostas e a forma simples como ele as afronta. Esse nordestino lá representado não possui uma luta direta contra as injustiças sociais, contra os problemas climáticos, a escassez de alimentos e os vários dramas da vida sertaneja. A forma de enfrentar esses problemas é encontrando a melhor maneira de lidar com eles: “Eu sou irmão do cabôco,/ Que ri, zomba e faz pôco/ Da sua própria desgraça.”. Esse rir e zombar de que o poeta nos fala, não denota “pouco caso” com sua situação, mas ironizar o problema

parece amenizar a situação, e temos que concordar que ironizar a própria situação é menos doloroso que dramatizar.

Percebemos que a poesia é um tipo de fonte que, possibilita compreender os acontecimentos passados, construídos pelo homem ao longo do tempo. A poesia é como uma integrante da cultura que aguça as sensibilidades e expressa identidades. Nessa perspectiva, vimos que Patativa do Assaré se deteve a trabalhar representando a vida do povo nordestino.

Nesta pesquisa, a poesia foi trabalhada como fonte histórica para analisar a construção das representações do nordestino, também como uma forma diferente de se pesquisar uma temática inesgotável. A representação do nordestino foi construída nas poesias que aqui foram analisadas como um sertanejo alegre, feliz, atuante e também aquele que enfrenta as secas, as desigualdades sociais, sofre de saudade e amor pela sua terra. O nordestino que aqui conhecemos é parte integrante do espaço geográfico ao qual faz parte.

O nordestino que conhecemos com esta pesquisa não é herói e nem vítima. Ele apenas se sobressai das dificuldades do sertão da maneira que lhe convém, ele é intenso em todas as sensações: “zomba no sofrer”. Porém, isso não quer dizer que ele deixa de sofrer, nem que é conformado, mas que sua forma de lidar com o sofrimento é não sofrendo tanto e tendo esperança, confiando na sua fé, esperando sempre o melhor.

Portanto, diante do que nos propomos, destacamos que a representação do nordestino na poesia de Patativa do Assaré é a daquele que enfrenta as suas dificuldades não com lamúrias, mas com esperança e luta. Marcado pela relação com sua terra, tendo-a não apenas com um espaço que habita, mas como algo com que ele se relaciona, convive e se identifica.

O nordestino representado por Patativa do Assaré se confunde com a representação do Nordeste. A poesia que aqui estudamos personificou a região para representar os seus habitantes através da sua relação com ela. Foi assim que entendemos e tentamos responder as questões levantadas no início desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisamos neste trabalho como o nordestino está representado na poesia de Patativa do Assaré, partindo da conjectura de que o poeta cearense investiu praticamente toda sua produção no sertão e sertanejos do Nordeste. O primeiro passo foi entender o uso da literatura na história, já pensando a possibilidade de se utilizar a poesia popular como fonte para entender as representações do nordestino, apontando os elementos históricos presentes na poesia de Patativa do Assaré.

O escritor e artista popular que aqui trabalhamos teve uma trajetória marcada pela representação que escolhemos pesquisar. Foi um nordestino, sertanejo, que trabalhou na roça, vivenciou as alegrias e tristezas da vida no Nordeste. Portanto, era conhecedor por experiência própria daquilo que escreveu, esse foi o segundo ponto considerado nesta pesquisa.

Patativa do Assaré levou uma vida simples. Seus versos só ficaram conhecidos a partir de 1928, quando fez sua primeira viagem para fora do Ceará, quando acabou conhecendo pessoas do meio cultural que se encantaram com seus versos e os fizeram ser ouvidos e sentidos em todo o território nacional.

Nascido em 1902, o poeta viveu em uma época em que a base do sustento das famílias sertanejas era a agricultura. Lidar com o clima do Nordeste era difícil. Isso foi tema para a mídia, para a política e também para as produções artísticas.

A música, a arte e a literatura destacaram, principalmente, a questão da seca, da fome e da miséria no sertão. Foi aí que surgiu o incômodo que nos levou a esta pesquisa: esse tipo de representação que predominou durante muito tempo e ainda resiste. No início deste trabalho, propusemos pensar o modo como Patativa do Assaré representou o nordestino, tendo já em mente essas outras representações.

A partir dos anos 1920, as exteriorizações culturais, políticas, literárias e sociais levaram a uma revalorização das características regionais, daquilo que era tradição no Nordeste. A presença dos intelectuais gerou uma escrita sobre o Nordeste carregada de sentimentalismo e até de certa melancolia.

Patativa do Assaré preferiu não optar por esse estilo, engendrou no caminho da naturalidade tão própria da oralidade dos folhetos de cordel, em que teve seu primeiro

contato com a literatura e lhes serviram de inspiração para escrever com simplicidade elementos tão importantes da vida no sertão.

Um aspecto bastante destacado neste trabalho também foi a vida do artista pesquisado e a influência sobre sua poesia, uma vez que o próprio livro utilizado como fonte principal, tem como subtítulo: *Filosofia de um trovador nordestino*. Entendemos que o ato de filosofar é o mesmo que pensar, formular uma ideia. E sabemos que muitas vezes nossas ideias ou conclusões partem da nossa história de vida.

Os poemas presentes nesse livro têm também essa característica autobiográfica e é claro não poderíamos partir para o entendimento de uma representação sem antes entender quem está representando, o lugar social de onde o eu-lírico está falando.

Pensar o uso da literatura popular como fonte amplia os caminhos da pesquisa histórica. Utilizar a poesia parecia trazer uma leveza à labuta da pesquisa. Por diversas vezes, a viagem no mundo de Patativa soa calma, por vezes soa tempestade, mas assim são os momentos históricos, não precisam ser voluptuosos, bastam ser notados – assim como o nordestino que conhecemos nos versos de Patativa e apresentamos nesse trabalho.

A realização deste trabalho possibilita a abertura para novos caminhos historiográficos, novas formas de se entender a representação do nordestino, que é bem variada. O nordestino aqui problematizado não é só sofrido, não vive só de melancolia, ele vence a melancolia com o aquilo que está a seu alcance, ele não só vive no Nordeste como também convive com o Nordeste, faz parte dele. Esse é o principal diferencial das demais representações que já conhecíamos, agora cabe aos pesquisadores que se interessem por esse tema identificar outras possibilidades e as problematizar de acordo com suas concepções.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. A hora da estrela: História e Literatura, uma questão de gênero?. In: ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 43-51.

ALFREDO, Olegário. **Patativa do Assaré**: o Camões do Nordeste brasileiro. Belo Horizonte: Folhetim, 2002.

ANDRADE, Cláudio Henrique Sales. **Patativa do Assaré**: as razões da emoção: capítulo de uma poética sertaneja. Fortaleza: UFC, 2003.

ASSARÉ, Patativa do. **Aqui tem coisa**. São Paulo: Hedra, 2004.

_____. **Cante lá que eu canto cá**: filosofia de um trovador nordestino. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Ispinho e fulô**. São Paulo: Hedra, 2005.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Primeiros Passos, 36)

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e regionalismo**: os anos 20 em Pernambuco. Recife: Ed. Universitária/UFPE, 1996.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré**: pássaro liberto. Fortaleza: Inside Brasil, 2002.

_____. A voz poética do sertão. **Revista Nossa História**, Rio de Janeiro, a. 2, n. 13, nov. 2004.

CATARINO, Dilson. **Gramática online**. s.l. Disponível em: <<http://www.gramaticaonline.com.br>>. Acesso em: 5 maio 2016.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 65-109.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **À beira da falésia:** a história entre incertezas e inquietações. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002a.

_____. **O mundo como representação.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002b.

Diocese do Crato. CENDEP - Centro de Documentação, Estudos e Pesquisas. Disponível: <<http://diocesedecrato.org/obrassociais/departamento-historico-diocesano-padre-antonio-gomes-de-araujo>>. Acesso em: 4 maio 2016.

Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em 13 maio 2016.

Disponível em: <<http://www.dicio.com.br>>. Acesso em: 30 abr. 2016

Disponível em:< <https://www.google.com.br/search?q=patativa+do+assaré>>. Acesso em 13 maio. 2016.

Disponível em: <<http://www.revistaalternativa.com.br>>. Acesso em: 13 maio 2016.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina (Orgs.). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2009. p. 61-69.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** São Paulo: DP&A, 2006.

LE GOFF, Jaques. **História e memória.** Campinas: UNICAMP, 1996.

LUTYEN, Joseph Maria. **O que é literatura popular.** São Paulo: Brasiliense, 1984. (Primeiros Passos, 98).

MAURICIO, Ivan. **O nordeste.** Olinda, 2016. Disponível em: <<http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

MEIRA, Ricardo. O Nordeste Independente de Braulio Tavares e Ivanildo Vila Nova. **Dr Zem,** Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://www.drzem.com.br/2009/12/o-nordeste-independente..>>. Acesso em: 02 maio 2016.

NASCIMENTO, Maria Eliza Freitas do. **Sentido, memória e identidade no discurso poético de Patativa do Assaré.** Recife: O Autor, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e literatura:** uma velha nova história. In: Debates, Dossiê história cultural do Brasil, 2006.

_____. Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In:_____. LEENHARDT, J. (Orgs.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: UNICAMP, 1998.

_____. História Cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. In: _____; SANTOS, N. e ROSSINI, M. (Orgs.). **Narrativas, imagens e práticas sociais**. Porto Alegre: Asterisco, 2008. p. 11-18.